

# Depoimento de Fiódor M. Dostoiévski

Tradução de RUBENS PEREIRA DOS SANTOS e apresentação de BORIS SCHNAIDERMAN.

*O texto que se segue é o depoimento de Dostoiévski, prestado por escrito, em resposta às questões que lhe foram apresentadas pela comissão de investigação do caso Petrachévski, no qual ele ficara implicado. Preso em 23 de abril de 1849, recebeu em 6 de maio as perguntas a que deveria responder.*

*Publicado pela primeira vez em setembro de 1898 numa revista, esse texto foi incluído no livro de N. F. Báltchikov, Dostoiévskii Protzesse Petrachevtzev (Dostoiévski no Processo do Grupo de Petrachévski), Editora Naúka ("Ciência"), Moscou, 1971, de onde foi traduzido por Rubens Pereira dos Santos.*

Exigem que eu diga tudo o que sei sobre Petrachévski e sobre as pessoas que frequentavam a sua casa às sextas-feiras, bem como exigem que eu apresente os fatos, dando minha opinião pessoal sobre estes. Considerando isto como meu primeiro interrogatório, eu concluo que exigem de mim respostas claras nos seguintes pontos:

1 – Qual o caráter de Petrachévski como homem e, especialmente, como homem político?

2 – O que ocorreu naquelas tardes em que estive presente em casa de Petrachévski e qual a minha opinião sobre elas?

3 – Não havia algo secreto, um objetivo oculto na sociedade petrachevskiana? Não haveria algo de nocivo no próprio homem Petrachévski e, em que medida ele é nocivo para a sociedade?

Nunca tive relações muito íntimas com Petrachévski, embora eu fosse à casa dele às sextas-feiras e ele, por sua vez, me retribuísse as visitas. Eu não apreciava muito esta relação, não possuindo identidade de temperamento e nem identidade com muitas idéias de Petrachévski. Por isso, as relações que eu mantinha com ele eram exatamente aquelas que a cortesia exigia, e é precisamente por isso que o visitava todo mês, às vezes menos. Eu não tinha qualquer motivo para abandoná-lo de todo. Assim, eu ia à casa dele às sextas-feiras, aliás, eu tinha certa curiosidade.

Sempre me impressionei com o caráter de Petrachévski, muito excêntrico e estranho. Até nosso relacionamento nasceu por causa de sua estranheza, que aguçou a minha curiosidade desde a primeira vez. Todavia, eu não ia a sua casa com frequência. Acontecia que, às vezes, eu não o visitava por mais de um semestre. No último inverno, a partir de setembro, eu devo ter ido não mais que oito vezes. Nós nunca estivemos muito próximos um do outro, eu penso que durante todo o tempo de nosso conhecimento, nós nunca ficamos juntos, olho a olho, mais de meia hora. Eu até notei, como algo positivo, que ele vinha a minha casa como se fosse para exclusivamente cumprir um dever de cortesia; mas que, por exemplo, para ele era muito difícil manter comigo uma longa conversação.

Comigo era a mesma coisa: porque, repito, tínhamos poucos pontos de contato, tanto nas idéias quanto no gênio. Ambos receávamos conversar longamente um com o outro,

T

E

X

T

O

S

porque, com a décima palavra, nós discutiríamos, porém isso nos era enfadonho. Parece que tínhamos a mesma impressão um do outro. Pelo menos, eu sei que fui à casa dele com muita frequência às sextas, não tanto por ele e pelas próprias sextas-feiras, quanto para encontrar certas pessoas que, apesar de serem conhecidas, eu via muito raramente, e que me agradavam. Além de tudo, eu sempre apreciei Petrachévski como um homem honrado e nobre.

Quase todos que conhecem ou ouviram falar de Petrachévski falam muito de sua excentricidade e estranheza, e até por elas tiram conclusões sobre ele. Algumas vezes ouvi a opinião de que Petrachévski possuía mais inteligência que bom senso. Realmente, seria muito difícil explicar muitas de suas estranhezas. Não são poucas as pessoas que se avistam com ele na rua e perguntam “Para onde vai?”, e ele responde algo tão estranho, relata um plano tão estranho que ele projetou e acaba de cumprir, que não se sabe o que pensar do plano e do próprio Petrachévski. Por trás de tais assuntos que não valem um níquel, ele se afana às vezes tanto como se tratasse de todos os seus bens. Outras vezes apressa-se em acabar em meia hora com essa obrigaçãozinha, mas acabar com essa pequena obrigação talvez seja possível em dois anos. Ele é um homem que sempre se agita e se movimenta, eternamente está ocupado com alguma coisa. Lê muito, aprecia o sistema de Fourier e estudou-o minuciosamente. (Afora isso, estuda principalmente a legislação.) Eis tudo o que sei sobre ele como pessoa particular, segundo dados bem incompletos para a definição exata e perfeita de seu caráter, porque, repito mais uma vez, nunca tivemos grande intimidade. É difícil dizer que Petrachévski (observado como homem político) possuía alguma opinião definida sobre o seu sistema, alguma coisa definida do ponto de vista dos acontecimentos políticos. Eu notei nele coerência em relação a um sistema; e ademais, sistema que não era dele, mas de Fourier. Tenho a impressão de que justamente Fourier impede-o de ver as coisas com seus próprios olhos. Ainda é preciso dizer, ratificando, que Petrachévski está demasiadamente longe da aplicação imediata do sistema Fourier em nossa sociedade. Disso, eu sempre estive seguro.

O grupo que se reunia às sextas-feiras em sua casa era composto quase na totalidade de seus amigos chegados ou velhos conhecidos; eu penso isso pelo menos. Aliás, uma vez ou outra apresentava-se um rosto novo, mas pelo que pude observar, isto era muito raro. Eu conheço bem uma parcela muito pequena destas pessoas. As outras, conheço apenas porque umas três ou quatro vezes por ano acontecia falar com elas, e, finalmente, desconheço quase totalmente muitos dos convidados de Petrachévski, ainda que já me encontrasse com ele às sextas já durante um ou dois anos. Mas ainda que não conheça bem todas as pessoas eu prestava atenção a algumas opiniões. A maior parte destas opiniões são divergentes e uma contradiz a outra. Eu não encontrei nenhuma unidade no grupo de Petrachévski: nenhuma direção, nenhum objetivo comum. Pode-se dizer com certeza que não era possível descobrir três pessoas concordando em algum ponto, sobre determinado tema. Por esta razão, havia grandes discussões; infinitas divergências e discordância de opiniões. Eu participei de algumas destas discussões.

Porém antes que eu diga a causa de participar destas discussões e qual o tema que eu abordava, direi algumas palavras sobre aquilo de que me acusam. Na verdade, até eu ainda não sei do que me acusam. Declararam-me apenas que eu participei de conversações gerais em casa de Petrachévski, que falei como um *livre-pensador* e que, por fim, li, em voz

alta, o artigo literário “Correspondência de Bielínski com Gógol”. Direi de todo o coração que até agora tem sido para mim a coisa mais difícil do mundo definir com toda a clareza as palavras: *livre-pensador*, *liberal*. O que entender com estas palavras? Uma pessoa que fala de modo ilegal? Mas eu vi pessoas para as quais reconhecer que estão com dor de cabeça significa agir contra a lei, eu sei também que existem pessoas que estão prontas a dizer em cada encruzilhada tudo o que lhes vem ao bestunto. Quem viu dentro de minha alma? Quem determinou lá o grau de traição, dano e revolta de que me acusam? A que proporções se refere esta definição? Talvez, julgaram-me por algumas palavras ditas em casa de Petrachévski. Eu falei três vezes: duas vezes sobre *literatura* e uma vez sobre um tema totalmente apolítico: *sobre o caráter* e *sobre o egoísmo humano*. Não me recordo que houvesse algo de político ou de livre-pensador em minhas palavras. Não me recordo que alguma vez tenha manifestado *totalmente como eu sou na realidade*, em casa de Petrachévski. Entretanto, eu me conheço e se basearam a acusação em algumas palavras agarradas apressadamente, ou anotadas em um pedaço de papel, então eu não tenho medo de tal acusação, embora ela seja a mais perigosa, porque nada é mais pernicioso, desconcertante e injusto que algumas palavras extraídas Deus-

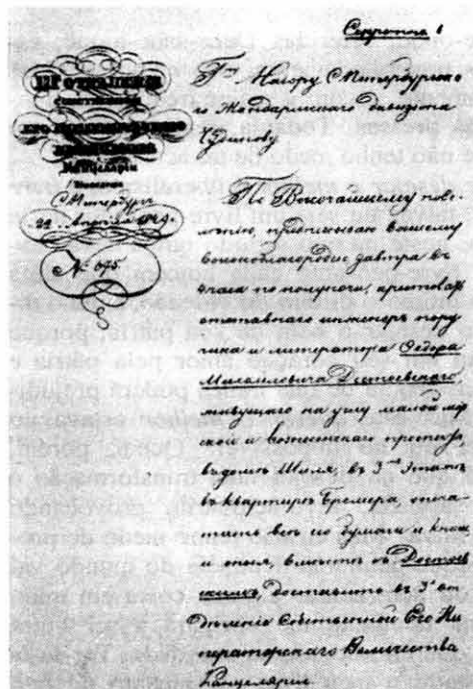




sabe-de-onde, referidas Deus-sabe-a-quê, escutadas precipitadamente, não compreendidas propriamente, e com a maior freqüência, anotadas às pressas. Todavia, repito: eu me conheço e não tenho medo de tal acusação.

Sim, *se desejar o melhor é liberalismo, é livre pensar*, talvez eu seja um livre-pensador neste sentido: neste mesmo sentido quiçá deva chamar-se livre-pensante cada homem que sinta em seu íntimo o direito do cidadão, sinta o direito de desejar o bem de sua pátria, porque encontra em seu coração amor pela pátria e tem consciência de que nunca poderá prejudicá-la. Mas este *querer o melhor* estava no possível ou no impossível? Quem, porém, provará que eu desejei uma transformação e revolta armada, revolucionária, provocando ódio e raiva? Mas eu não tenho medo de provas, porque nenhuma denúncia do mundo vai retirar ou acrescentar alguma coisa em mim, nenhuma denúncia me obrigará a ser outra pessoa que eu não sou na realidade. Ter-se-ia manifestado o meu livre pensamento no fato de eu falar em voz alta sobre assuntos que outros consideram seu dever calar, nem porque temessem falar algo contra o governo (isso não pode acontecer nem em pensamento!), mas porque em sua opinião já se tornou tácito o alar sobre tais temas? Será isto? Mas eu até me senti sempre ofendido com este medo da palavra, que antes é capaz de ser ofensivo para o governo do que agradável a este. Mas na verdade, por que um homem digno vai temer por si e por sua palavra? Isto significa supor que as leis são insuficientes para defender a pessoa, e que é possível perecer por causa de uma palavra fútil, por causa de uma frase imprudente. Mas por que nós mesmos preparamos todos os demais de tal modo que uma palavra franca e em voz alta, por pouco que seja parecida com uma opinião, manifesta com franqueza, sem rodeios, é vista como uma excentricidade? A minha opinião é que se todos fossem sinceros com o governo seria muito melhor para nós mesmos. Para mim sempre foi triste ver que estamos como se temêssemos algo instintivamente; que nos encontramos, por exemplo, em multidão num lugar público, e nos olhamos um para o outro com desconfiança, de esguelha, espiamos para os lados, desconfiamos de alguém. Se alguém começa a falar, por exemplo, sobre política, falará, obrigatoriamente, aos cochichos e com o mesmo olhar enigmático, ainda que a república esteja tão distante de seu pensamento quanto a França. Dirão: “Tanto melhor, se nós não ficamos gritando nas encruzilhadas”. Sem dúvida, ninguém dirá uma palavra sequer contra isso, mas o excesso de silêncio, o medo excessivo, provocam um sombrio colorido em nossa vida diária, que mostra tudo sob um aspecto triste e antipático, e o mais lamentável é que este colorido é falso; todo este medo é sem objeto, é

Ordem de prisão de Dostoiévski; e M. V. Petrachévski, o principal acusado no processo que envolveu Dostoiévski



SIBI

vão (eu acredito nisso), todos esses temores não são mais que invencionice nossa, e nós mesmos apenas inquietamos o governo com nossos mistérios e desconfianças. Pois, devido a esta situação tensa, freqüentemente resulta muito barulho por nada. A palavra mais comum, dita em voz alta, recebe muito maior peso, mas o próprio fato, por sua excentricidade, toma às vezes dimensões colossais e certamente será atribuído a causas estranhas (não-habituais) e não verdadeiras (usuais). Eu sempre estive convencido de que a convicção consciente é melhor e mais forte que a inconsciente, instável, vacilante, capaz de dobrar-se ao primeiro vento que sopra. Mas a consciência não surgirá do enclausuramento da vida em silêncio. Nós mesmos fugimos do contato, fragmentamos em rodinhas ou mofamos na solidão. Mas quem é o culpado por esta situação? Nós, nós mesmos, e mais ninguém – eu sempre pensei assim.

Embora tenha dado como exemplo as nossas conversas em sociedade, eu mesmo há muito tempo estou longe de ser um gritador, dirão de mim todos os que me conhecem. Eu não gosto de falar alto e muito, até com meus companheiros, os quais, aliás, são pouco numerosos, tanto mais em público, onde sou conhecido por um homem não-comunicativo, calado, pouco sociável. Os meus conhecidos são muito pouco numerosos. Estou ocupado a metade do meu tempo com o trabalho, que me alimenta; a outra metade, estou constantemente doente, com ataques de hipocondria, de que eu sofro já há quase três anos. Com dificuldade, sobra um pouco de tempo para leitura e para informar-me sobre o que se passa no mundo. Para os amigos e conhecidos sobra muito pouco.

E por isso, se eu cheguei a escrever agora contra o sistema do silenciar e do ocultar sistemáticos, foi porque eu quis expressar a minha convicção, e eu não vou defender-me absolutamente. Mas do que me acusam? De que eu faiei sobre política, sobre o Ocidente, sobre a censura, etc. Mas quem não falou e não pensou nessas questões, em nossos dias? Para que então eu estudei, para que a ciência despertou em mim a curiosidade pelo saber, se não tenho o direito de dizer a minha opinião pessoal ou não concordar com aquela opinião que por si é autoridade? No Ocidente, sucede um espetáculo terrível, acontece um drama sem precedentes. A secular ordem das coisas crepita e desaba. As próprias bases da sociedade ameaçam a cada instante desabar e arrastar em sua queda toda a nação. Trinta e seis milhões de pessoas parecem colocar diariamente sobre uma carta de baralho todo o seu futuro, bens, a sua existência e a de seus filhos! E este quadro não bastaria para despertar a atenção, a curiosidade, a vontade de conhecer, e para sacudir a alma? Trata-se das mesmas terras que nos deram a ciência, a instrução, a civilização européia. Tal espetáculo é uma lição! Isto é, finalmente, história, e a história é a ciência do futuro. E depois disso seria possível acusarem-nos, a nós que recebemos determinado grau de instrução, em quem fizeram despertar a sede do conhecimento e da ciência; seria possível acusarem-nos pelo fato de termos curiosidade suficiente para fa-

lar algumas vezes sobre o Ocidente, sobre os acontecimentos políticos; ler os livros contemporâneos, acompanhar os movimentos ocidentais, até estudá-los na medida do possível? Será possível que me acusarão pelo fato de que eu encare com certa seriedade a crise, que torna dolorida e faz romper em duas a desventurada França, e que eu considere, talvez, esta crise uma necessidade histórica na vida desse povo, como uma situação transitória (quem resolverá isso agora?), e que levará, finalmente, a um tempo melhor. Além dessa opinião, além dessas idéias, o meu livro pensamento sobre o Ocidente e sobre a revolução nunca se estendeu mais longe. Mas se eu falei sobre o golpe de estado francês e me permiti julgar os acontecimentos atuais, conclui-se disso que eu sou um livre-pensador, que possuo idéias republicanas, que sou inimigo do absolutismo, que eu procuro solapá-lo? Impossível! Para mim, nunca houve nada mais absurdo que a idéia de um governo republicano na Rússia. Todos os que me conhecem sabem das minhas idéias a esse respeito. Sim, finalmente, tal acusação será contrária a todas as minhas convicções, a toda a minha formação. Eu, talvez, ainda venha a explicar para mim mesmo a revolução e a *necessidade histórica* da crise que lá acontece. Lá, durou alguns séculos, mais de mil anos, a minha perseverante luta da sociedade contra a autoridade, a qual se fundamentara sobre uma civilização estranha, por meio da conquista, da força, da opressão. E em nosso país? A nossa terra se formou de modo diferente! Aqui, os exemplos históricos estão diante de nossos olhos: 1) queda da Rússia diante dos tártaros em consequência do debilitamento da autoridade e de sua fragmentação; 2) a desordem da república de Novgóród, república experimental durante alguns séculos em solo eslavo e, finalmente, 3) o duplo salvamento da Rússia, unicamente com o reforço da autoridade, com o reforço do absolutismo: a primeira vez por causa dos tártaros, a segunda vez com a reforma de Pedro, o Grande, quando somente uma calorosa fé infantil em seu grande timoneiro deu à Rússia possibilidade de suportar uma transformação tão brusca para uma nova vida. Mas, quem de nós pensa em república? Mesmo se as reformas estão iminentes, até para aqueles que as desejam estará claro como o dia que estas reformas devem decorrer da própria autoridade, até mais forte nessa ocasião, de outro modo o objetivo seria alcançado de forma revolucionária. Não creio que apareça na rua um apreciador de uma revolta russa. Os exemplos são conhecidos e até agora estão na memória, apesar de acontecidos há muito tempo. Em conclusão, eu me recordei agora de palavras minhas que repeti algumas vezes, de que tudo o que houve de bom na Rússia, a começar de Pedro, o Grande, tudo veio constantemente de cima, do trono, mas de baixo até agora nada se expressou, exceto a obstinação e a ignorância. Esta minha opinião é conhecida por muitos daqueles que se relacionam comigo.

Falei da censura, de sua desmedida severidade em nosso tempo e lamentei isto, pois sentia que ocorreu algum equívoco, de aí nasceu uma ordem de coisas tensa, penosa para a literatura. Eu estava triste porque a condição do escritor foi rebaixada em nosso tempo, devido a alguma obscura suspeita, e o escritor já de antemão, antes mesmo que tenha escrito algo, é visto pela censura como algum inimigo natural do governo e começa a examinar o manuscrito com uma evidente prevenção. Sinto tristeza em saber que determinada obra é proibida, não porque tenham encontrado nela algo liberal, livre-pensador, contrário à moral, mas, por exemplo, porque a novela ou o romance termina demasiado triste, e expõe um quadro demasiadamente sombrio, ainda que este quadro não

tenha acusado nem levantado suspeitas na sociedade, e ainda que a própria tragédia tenha ocorrido de modo inteiramente casual. Que examinem tudo o que escrevi, publicado ou não, que examinem os manuscritos de obras já impressas e

verão como eles eram antes de ingressar na censura – e que encontrem neles ao menos uma palavra ofensiva à moral e à ordem estabelecida das coisas. E, no entanto, sofri justamente semelhante proibição exatamente porque o quadro foi pintado com tintas demasiado sombrias. Mas se soubessem em que situação sombria foi colocado o autor da obra proibida! Ele viu diante de si a necessidade de passar pior do que três meses inteiros sem pão, pois era o trabalho que me dava recursos para a subsistência. E mais: entre privações e tristezas, no limiar do desespero (porque, abandonando as questões monetárias, é penoso demais uma pessoa ver sua obra, que amou, onde gastou energias, saúde, o melhor de suas forças espirituais, proibida por *equívoco*, por *suspeita*). Pois oem, em meio de privações, tristezas, desesperos, é necessário ainda encontrar horas leves, alegres, para escrever nesse tempo uma nova obra literária com tintas claras, róseas, agradáveis. E escrever é absolutamente indispensável, porque é necessário sobreviver. Se eu falei, se eu me queixei um pouco (eu me queixei tão pouco!), será que agi



como um livre-pensador? E do que eu me queixei? Do *equivoco*. Exatamente: eu lutei com todas as forças, demonstrando que cada literato já é suspeito de antemão, que o olham com perplexidade, com desconfiança, e acusei os próprios literatos que não querem buscar meios para a solução do equivoco pernicioso. Pernicioso, porque é difícil para a literatura sobreviver numa situação tão tensa. Gêneros inteiros de arte devem desaparecer: a sátira, a tragédia já não podem subsistir. Já não podem subsistir, pela severidade atual da censura, escritores como Griboiedov, Fonvizin e mesmo Púchkin. A sátira ridicularizava o vício e com a maior frequência o vício sob a máscara da virtude. Como se pode ridicularizar algo hoje em dia? O censor vê em tudo insinuação e suspeita de que se trata de alguma personalidade, de que haja bñlis, de que o escritor insinue algo contra alguém e contra alguma ordem de coisas. Aconteceu a mim mesmo muitas vezes, esquecendo a tristeza, gargalhar daquilo que o censor considera *danoso para a sociedade* e impossível de ser impresso em manuscritos meus ou alheios. Eu me ri porque a ninguém, além do censor, nos tempos atuais, virão à cabeça semelhantes suspeitas. Na frase mais inocente, mais pura, suspeita-se o pensamento mais criminoso, que evidentemente o censor perseguiu com uma tensão das forças mentais, como idéia eterna, imóvel, que não pode abandonar sua cabeça, que ele mesmo criou, balançado pelo medo e pelas suspeitas, ele mesmo materializou-a em sua imaginação, ele mesmo pintou-a com tintas terríveis e insólitas e, finalmente, aniquilou o seu fantasma juntamente com a causa inocente de seu medo – com a frase inicial e inocente do escritor. É como se ocultando o vício ou o lado sombrio da vida, se ocultasse também do leitor que existem o vício no mundo e aspectos sombrios na vida. Não, o autor não esconderá este lado obscuro, omitindo-o sistematicamente para o leitor, mas apenas se tornará perante ele suspeito de insinceridade, de inverdade. E será possível pintar unicamente com tintas claras? De que maneira se pode ver o lado claro de um quadro sem a sua parte escura? Pode-se ter um quadro sem o claro e o escuro juntos? Nós conhecemos o claro apenas porque existe a sombra. Dizem: descreve apenas as qualidades e as virtudes. Nós não podemos, porém, conhecer a virtude sem conhecer o vício; a própria noção *do bem e do mal* procede de que o bem e o mal sempre viveram juntos, lado a lado. Mas, que eu pense apenas expor no palco a ignorância, o vício, o abuso, a arrogância, a coação! O censor desconfiará imediatamente de mim e pensará que falo de tudo em geral, sem excetuar nada. Eu não defendo a representação do vício e do lado obscuro da vida: nem um dos dois me agrada; mas eu falo apenas e unicamente no interesse da arte.

Persuadido de que entre a literatura e a censura ocorre um mal-entendido (um equivoco e nada mais!), eu me queixava, eu implorava que este lamentável equivoco acabasse o quanto antes, porque eu amo a literatura e não posso deixar de interessar-me por ela, porque eu sei que a literatura é uma das expressões da vida de um povo, é o espelho da sociedade. Com a instrução, com a civilização, aparecem novas noções, que exigem definição, um título em língua russa, para que sejam comunicadas ao povo; porque o povo não pode nomeá-las no caso atual, visto que a civilização não procede dele mas vem de cima, pode nomeá-las apenas aquela sociedade que recebe a civilização antes do povo, isto é, a camada superior da sociedade, a classe que já possui instrução para receber estas idéias. Quem formula novas idéias de uma forma tal que o povo entenda, quem senão a literatura! A reforma de Pedro, o Grande, não seria aceita tão facilmente pelo povo, que não entenderia sequer o que queriam dele. E como era a língua russa na época de Pedro, o Grande? Metade russo, metade alemão, porque metade da vida era alemã, com conceitos alemães e costumes alemães, que se arraigaram na vida russa. Mas o povo russo não falava a língua alemã, e o aparecimento de Lomonossov logo depois de Pedro, o Grande, não se deu por acaso. A sociedade não pode sobreviver sem a literatura, mas eu vi esta extinguir-se e pela décima vez repito: o equivoco surgido entre a literatura e os censores inquietou-me, atormentou-me. Eu falei, mas falei apenas de harmonia, de união e da erradicação do equivoco. Eu não aticava ninguém em minha volta, *porque eu tinha fé*. Ademais, falei apenas com meus amigos mais chegados, com meus companheiros literatos. Seria isto livre-pensamento nocivo?

Acusam-me porque eu li o artigo “Correspondência de Bielínski com Gógol” numa das tardes em casa de Petrachnévski. Sim, eu li este artigo, mas aquele que me denunciou poderia dizer-me por qual dos correspondentes eu tinha mais simpatia? Que ele se recorde: haveria, não somente nas minhas opiniões (das quais eu me absteve), mas ainda na entonação, no gesto no momento da leitura, algo capaz de expressar minha simpatia como uma preferência pessoal por um dos correspondentes? Certamente não dirá isto.

A carta escrita por Bielínski é muito estranha para provocar simpatia. As injúrias repugnam o coração e não o atraem, porém toda carta está recheada com elas e escrita com bñlis. Todo o artigo, na verdade, é um exemplo de argumentação sem provas, de



feito de que Bielínski nunca pôde livrar-se em seus artigos e que se intensificou à medida que foram se esgotando as suas forças físicas e morais com a doença. Estas cartas foram escritas no último ano de sua vida, no tempo em que estava no estrangeiro. Durante algum tempo fui bastante chegado a Bielínski. Ele era um homem excelente. Mas a doença que o levou para o túmulo destruiu nele até o homem. Ela o fez cruel, tornou seu espírito insensível e inundou-lhe de bflis o coração. A sua imaginação, desorganizada, tensa, ampliava tudo, numa dimensão colossal, e mostrava-lhe coisas que somente ele seria capaz de ver. Apareceram nele, de repente, defeitos e vícios, dos quais não existiam sequer indícios em seu estado são. Entre outras coisas, apresentava-se com um amor-próprio extremamente irritadiço, ofendido. Na revista em que ele era considerado colaborador e onde após a doença muito pouco trabalhou, a redação deixava-o de mãos amarradas, e já não lhe dava para escrever artigos muito sérios. Isso o feria. E foi nessa situação que ele escreveu a carta a Gógol. No mundo literário, muitos sabem das minhas inúmeras disputas e do rompimento definitivo com Bielínski no último ano de sua vida. Também é conhecido o motivo de nossa discordância: ela ocorreu por causa das idéias sobre a literatura e sobre os rumos da literatura. O meu ponto de vista era radicalmente contrário ao ponto de vista de Bielínski. Eu reprovava-lhe o fato de que ele se esforçava para dar à literatura uma visão particular, indigna dela, rebaixando-a à mera descrição, se é possível tal expressão, de *fatos jornalísticos* ou de acontecimentos escandalosos. Eu replicava-lhe que a bflis não atraía ninguém, mas somente cansava mortalmente a tudo e a todos, ao agarrar-se na rua o primeiro que viesse, segurando cada transeunte pelo botão do fraque e começando a pregar-lhe um sermão à força e a ensinar-lhe o racional e o razoável. Bielínski irritou-se comigo e, finalmente, do esfriamento passamos à disputa formal, tanto que não nos vimos durante todo o último ano de sua vida. Desde muito tempo eu desejava ler estas cartas. Para mim esta correspondência é um monumento literário bastante admirável. Tanto Bielínski quanto Gógol são figuras realmente admiráveis; as relações deles entre si eram bem curiosas, tanto mais para mim que conhecia Bielínski. Petrachévski viu casualmente estas cartas em minhas mãos e perguntou: "Que é isto?" e eu não tendo tempo de mostrar as cartas

naquele momento, prometi levá-las a sua casa na sexta-feira. Eu mesmo propus isto e mais tarde tive que cumprir a palavra. Eu li este artigo como um monumento literário, nem mais nem menos, firmemente convencido de que ele não poderia seduzir ninguém, embora não lhe faltasse certa espécie de qualidade literária. No que se refere a mim, estou totalmente em desacordo com todos os exageros existentes nele. Agora, peço que se leve em consideração a seguinte circunstância: iria eu ler o artigo de um homem com o qual eu brigara justamente por causa de idéias (isto não é segredo: muitíssima gente está a par), ainda escrito em estado de doença, de desequilíbrio mental e moral, iria eu ler este artigo, apresentando-o como um modelo, como uma fórmula que se deveria seguir? Somente agora compreendo que cometi um erro e que não deveria ler este artigo em voz alta: mas naquele tempo eu não percebi, até mesmo não suspeitei de que pudessem me acusar por isso, não vi nisso nenhum pecado. Por respeito a um homem já falecido, notável em seu tempo, e que muitos respeitam por alguns de seus artigos estético-literários, efetivamente escritos com um grande conhecimento do ofício literário e, aliás, com certo constrangimento por causa de nossa disputa de idéias, que é muito conhecida, eu li toda a correspondência, abstendo-me de qualquer observação e com absoluta imparcialidade.

Já me referi ao fato de que eu falara sobre política, sobre censura, etc., mas fiz mal de me acusar. Eu queria apenas expressar o tipo de meus pensamentos. Eu nunca falei sobre estes assuntos em casa de Petrachévski. Eu falei ali apenas três vezes, ou melhor, duas vezes. Uma vez sobre *literatura*, a propósito da discussão com Petrachévski por causa de Kirilov, e outra vez, *sobre a personalidade e o egoísmo*. De uma maneira geral, eu não sou muito falante e não gosto de falar alto onde há pessoas desconhecidas. Com meu modo de pensar e toda a minha pessoa são conhecidos pelos meus pouquíssimos amigos. Eu fujo das grandes discussões e gosto muito de ceder, apenas para que me deixem em paz. Eu fui provocado, porém, para aquela discussão literária, cujo tema, de minha parte, era a afirmação de que a arte não precisava ter uma tendência, que a arte tinha a si mesma por finalidade, que o autor devia somente buscar o artístico e a idéia chegaria por si, porque ela é condição indispensável para o artístico. Numa palavra, *sabe-se que esta tendência é diametralmente oposta ao jornalístico e ao incendiário*. Muitos também sabem que esta é a minha opinião nos últimos anos. Finalmente, todos ouviram a nossa discussão em casa de Petrachévski; todos podem testemunhar o que eu disse. Resultou, finalmente, que eu e Petrachévski tínhamos as mesmas idéias sobre literatura, mas que nós não nos compreendíamos. Todos ouviram também esta conclusão. E também notei que toda a discussão resultara em parte do amor-próprio, pois certa vez eu suspeitara que Petrachévski não possuía um claro conhecimento deste assunto. No que se refere ao segundo tema, *sobre a personalidade e o egoísmo*, nele eu queria provar que em nosso meio existia mais *ambição* que verdadeira dignidade humana, que nós próprios caíamos numa auto-diminuição, num amesquinamento da personalidade, em virtude do amor-próprio mudo, do egoísmo e das ocupações inúteis. Este tema é puramente psicológico.

Eu disse que na sociedade que se reunia em casa de Petrachévski não havia a menor integração, a menor unidade de idéias, de corrente de pensamento. Parecia que esta era uma discussão que se iniciara uma vez para nunca mais terminar. E era em nome deste debate que se reunia aquela sociedade – para discutir e rediscutir – porque quase toda vez as pessoas se despediam para na vez seguinte reiniciar a discussão com nova força, sentindo que não se manifestara nem a décima parte do que se pretendia dizer. Sem discussão, em casa de Petrachévski seria extremamente fastidioso, porque unicamente os debates e as contradições podiam unir estas pessoas tão diferentes entre si. Falava-se de tudo e de nada em particular, falava-se tanto quanto se fala em cada círculo reunido casualmente. Tenho certeza disso. Se eu participei algumas vezes das discussões em casa de Petrachévski, se eu fui à casa dele e não me atemorizei quando ouvi alguma palavra mais quente, foi porque estava completamente convencido (e acredito nisso até agora) de que tudo se passava ali num círculo familiar, no ambiente comum dos conhecidos e amigos de Petrachévski e não como algo público. Era realmente assim e se agora prestou-se tamanha atenção ao que sucedia em casa de Petrachévski parece-me que isso ocorreu porque Petrachévski é conhecido em quase toda Petersburgo por sua estranheza e excentricidade e por esse motivo também as reuniões em sua casa tornaram-se conhecidas; e eu sei com segurança que o rumor exagerou sua importância, ainda que o rumor fosse mais de escárnio quanto às reuniões de Petrachévski do que de temor. Algumas vezes falava-se com bastante franqueza dos temas (mas sempre com uma espécie de dúvida, e sempre que se falava, erguia-se uma discussão), e eu não me confundia com isso, porque no meu modo de pensar é melhor que algum paradoxo vivo, ou uma certa



dúvida, venha para o julgamento alheio (certamente, não na praça pública, mas num círculo de amigos) do que ficar no interior do homem, sem saída, seca e enraizada em seu espírito. O debate generalizado é muito mais útil que a solidão. A verdade sempre para acima e o bom senso vence; assim eu via aquelas reuniões e em virtude deste ponto de vista fui algumas vezes à casa de Petrachévski. E a experiência me justificou, porque, por exemplo, deixou-se de todo de falar do fourierismo, porque o fourierismo foi coberto de caçoadas de todos os lados, até como teoria. Mas se alguém decidisse falar no círculo de Petrachévski sobre a aplicação do sistema de Fourier em nossa sociedade, logo em seguida, sem nenhum disfarce, rir-se-iam na sua cara. Eu digo isso porque estou certo da verdade de minhas palavras.

Para responder à pergunta: não havia algum segredo, um objetivo oculto na sociedade petrachevskiana? Pode-se afirmar categoricamente, lembrando toda a discordância, toda a mistura de concepções, de caracteres, de personalidades, de profissões, todos esses debates, que chegavam às raias da inimizade e que apesar de tudo isso continuavam sendo apenas discussões – olhando e compreendendo tudo isso, pode-se dizer categoricamente que é impossível ter havido algo de secreto, um objetivo oculto, em todo esse caos. Ali não havia a menor unidade e não haveria até o final dos séculos; e ainda que eu não tenha conhecido todos nem tudo da sociedade de Petrachévski, julgando por aquilo que vi, posso dizer com certeza que eu não estou errado.

Agora vou responder à última pergunta, resposta na qual se faz a conclusão da minha defesa. Eis: não haveria algo de nocivo no próprio homem Petrachévski e, em que medida, ele é nocivo para a sociedade? Quando me propuseram esta pergunta pela primeira vez, eu não pude respondê-la diretamente. Antes dessa pergunta, eu devia solucionar inteiramente a série de perguntas e dúvidas que freqüentemente nasceram em meu espírito, e que não as podia solucionar de pronto, ali mesmo, porque exigiam uma certa reflexão e por isso eu parei, não sabendo o que responder. Agora, tendo refletido tudo, apresento as minhas reflexões preliminares e, finalmente, a resposta à pergunta que me fizeram, como resultado destas reflexões.

Em primeiro lugar, se me perguntassem se Petrachévski seria nocivo à sociedade, eu entenderia antes de tudo como fourierista, como discípulo e propagandista da doutrina de Fourier. Mostraram-me um caderno, com uma escrita fina, e disseram que eu, provavelmente, conheceria a letra. Eu não conheço a caligrafia de Petrachévski, nós nunca nos correspondemos, e eu realmente não suspeitava que ele se promovesse a autor. Digo com certeza. E, por isso, não sei absolutamente nada sobre Petrachévski como fourierista, como propagandista. Eu apenas conheço suas crenças científicas. E ademais, raras vezes ou quase nunca, conversava cientificamente sobre Fourier, pois a nossa conversa transformar-se-ia no mesmo instante em discussão. Isso ele sabia muito bem. Ele nunca me comunicou planos e determinações, não sei nada mesmo, se eles existiram ou não. Além de tudo, se eles até existissem, o que eu desconheço totalmente, então ele, tendo relações nada íntimas comigo e não havendo entre nós sequer muita simpatia, certamente (estou convencido disso) ocultaria tudo de mim e não diria uma palavra sequer. E de minha parte nunca tive o desejo de desvendar os seus segredos. E, por causa disso, nada posso dizer sobre Petrachévski como fourierista, exceto em relação ao aspecto puramente científico.

Eu sei que Petrachévski aprecia o sistema de Fourier. Como fourierista, certamente, ele não pode nem desejar que simpatizem com sua posição. Perguntam-me, porém: ele preparava discípulos? *Não atrai para sua casa professores das mais diferentes instituições de ensino para, depois de convertê-los, atuar através deles na difusão do fourierismo entre a juventude?* Respondo: não posso responder com segurança a esta pergunta porque não tenho dados suficientes, desconheço totalmente os segredos de Petrachévski. Disseram-me que em sua casa, entre os conhecidos, havia professores, por exemplo, Toll. Mas eu não tenho nenhuma relação com Toll e só recentemente soube que ele era professor. No que se refere a Iastrjêmski, também dele eu soube que era professor a partir do momento em que ele falou sobre economia política. Eu não conheço mais nenhum professor. Não tenho nenhuma relação sequer distante com Toll, eu não sei nem a história de seu conhecimento com Petrachévski, nem a história de quando eles se conheceram, nem o tipo de relação entre eles. Numa palavra: eu não tenho nenhuma curiosidade de saber isso. No que se refere a Iastrjêmski, eu tive a oportunidade de conhecer a sua maneira de pensar a economia, quando consegui ouvi-lo por duas vezes. Segundo me parece, ele é um economista da escola mais recente e admite o so-



**Interior da fortaleza de São Pedro e São Paulo em São Petersburgo; ala em que o autor esteve preso**



cialismo na medida em que ele é admitido pelos professores mais rigorosos dessa ciência. Porque o socialismo, por sua vez, trouxe grande proveito para a ciência, graças à sua elaboração crítica e ao seu setor estatístico. Em suma, eu suponho que Iastrjêmbski está muito longe de ser fourierista e que ele não tem o que aprender com Petrachévski. Mas devo observar que não conheço nada de Iastrjêmbski como pessoa. Eu *nunca* iniciei uma conversa com ele e parece que ele tem comigo exatamente o mesmo tipo de relação. Eu não conheço completamente o seu modo de pensar, assim como ele desconhece o meu. Assim, eu posso opinar sobre Petrachévski como divulgador da doutrina somente por conjecturas, por uma suposição.

Mas eu nunca posso falar por hipóteses. Eu sei que meu relato não pode ser considerado como definitivo, fundamental, não obstante ele permaneça um testemunho. E se eu estiver equivocado? O erro ficará na minha consciência. Mostraram-me um manuscrito de cuja existência eu não sabia. Li uma frase desse manuscrito, nela estava expresso um desejo ardente do triunfo imediato do sistema de Fourier. Se todo o manuscrito for desse tipo, se Petrachévski reconheceu-o, então ele, com certeza, desejava a difusão do fourierismo. Mas, até agora, ele empregou alguma medida efetiva? – eu não sei. Desconheço os seus segredos e eu penso que afinal podem acreditar em mim. Ninguém poderá afirmar que eu e Petrachévski tivéssemos, alguma vez, relações muito estreitas. Eu me encontrava em sua casa às sextas-feiras como conhecido, nada mais que isso. Eu desconheço quaisquer de seus planos e vi este manuscrito pela primeira vez, cujo conteúdo, excetuando uma frase, eu desconheço. Assim, se ele fez algo ou tomou alguma medida, eu nada posso dizer. Permitam-me, porém, expor algumas das minhas próprias convicções, muito meditadas por mim, que já apareciam para mim tais como são agora, em consequência das quais eu não pude responder afirmativamente à primeira pergunta sobre a culpabilidade de Petrachévski. Eu compreendo como é importante para os olhos dos juízes de Petrachévski provas como: livros, manuscritos e conversas anotadas fragmentariamente. Mas visto que me interrogaram sobre Petrachévski, permitam-me agora expor o meu ponto de vista sobre todo o seu processo.

Petrachévski acredita em Fourier. O fourierismo é um sistema pacífico; ele enfeitiça o espírito com sua elegância, seduz o coração com aquele amor à humanidade que inspirava Fourier, quando ele elaborava o seu sistema, que surpreende o espírito com a sua elegância. Atraía para si não por meio de ataques biliosos, mas infundindo amor ao ser humano. Não havia ódio neste sistema. A reforma política não se coloca no fourierismo: sua reforma é econômica. Ele não atenta nem contra o governo, nem contra a propriedade e em uma das últimas sessões da câmara, Victor Considerant, representante dos fourieristas, recusou-se solenemente a atacar a família. Em resumo, este é um sistema de

gabinete, jamais será popular. Os fourieristas, durante a revolução de fevereiro, não saíram às ruas nenhuma vez, permaneceram na redação de sua revista, onde eles passam o seu tempo, há mais de vinte anos já, sonhando com a beleza futura do falanstério. Mas, sem dúvida, este sistema é prejudicial, em primeiro lugar, pelo simples fato de ser um sistema. Em segundo lugar, porque nem a própria elegância faz com que ele deixe de ser uma utopia irrealizável. Mas o dano causado por esta utopia, se me permitem expressar-me assim, é mais *cômico* que assustador. Não há sistema social do qual tenham rido tanto, que seja tão impopular e tenha sido tão vaiado como o sistema de Fourier no Ocidente. O sistema já está morto há muito tempo e seus chefes não notaram que eles são somente mortos-vivos, nada mais. No Ocidente, em França, neste momento, qualquer sistema, qualquer teoria é nociva à sociedade, porque os proletários famintos e desesperados agarram-se a qualquer meio e estão prontos a transformar qualquer meio em bandeira. O momento ali é de extremismo. Ali a fome expulsa as pessoas para a rua. Mas o fourierismo está esquecido por desprezo a ele, e até o *cabetismo*, que é o maior absurdo já criado no mundo, desperta uma simpatia muito maior. No que concerne a nós, à Rússia, a Petersburgo, aqui basta dar vinte passos na rua para se persuadir de que o fourierismo em nossa terra pode apenas existir ou nas folhas intocadas dos livros, ou num espírito sonhador, suave e desprovido de maldade, porém unicamente em forma de idílio ou semelhante a um poema de vinte e quatro cantos, em versos. O mal causado pelo fourierismo não pode ser sério. Mesmo se fosse um mal sério, a própria divulgação já seria uma utopia, porque é extraordinariamente lenta. Para se conhecer completamente o fourierismo é necessário o seu estudo e isso já é toda uma ciência. É preciso ler perto de dez volumes. Como é possível tal sistema tornar-se popular um dia?! Divulgá-lo da cátedra por professores? Mas isto é literalmente impossível, já pelo volume da ciência fourierista! Repetindo, porém: não é possível que o sistema de Fourier traga algum mal sério, em minha opinião. Se o fourierista causa algum mal, é somente para si mesmo, na opinião geral daqueles que possuem bom senso. Porque mesmo o cômico mais elevado é para mim *uma atividade de que ninguém precisa*. E o fourierismo, juntamente com qualquer outro sistema ocidental, é tão inconveniente para o nosso solo, tão discordante de nossa conjuntura, é tão alheio ao caráter da nação, e, por outro lado, é a tal ponto um produto do Ocidente, do estado de coisas de lá, onde se resolve a todo custo o problema proletário, que ele seria com sua insistência nas mesmas necessidades, nos dias de hoje e em nosso meio, onde não há proletários, terrivelmente risível. A atividade fourierista seria por si mesma desnecessária, e, por conseguinte, é a mais cômica. Eis porque, *segundo supenho*, sendo Petrachévski mais inteligente, nunca julguei que tivesse ido *seriamente* além de um apreço de gabinete por Fourier... Todo o resto, *na verdade*, eu estava disposto a considerar uma brincadeira. O fourierista é um homem infeliz, inocente, eis minha opinião. Finalmente, segundo minha opinião ainda, nenhum paradoxo, por mais numerosos que fossem, pode manter-se por si mesmo, por suas próprias forças. É o que a história nos ensina. E a prova disso é que em França num ano ruíram quase todos os sistemas, um após outro, e ruíram sozinhos, logo que se chegou à mais ínfima experiência. Compreendendo isto tudo, mesmo se eu soubesse (repito mais uma vez: eu não sei de nada), se soubesse que Petrachévski não receava qualquer escárnio, esforçando-se inteiramente na divulgação do fourierismo, eu assim mesmo evitaria dizer que ele era nocivo, que trazia decididamente um mal. Primeiramente, qual a prova de que Petrachévski pode ser nocivo como propagador do fourierismo?! Isso está acima de minha compreensão. Ridículo, mas não nocivo! Essa é a minha opinião. Eis o que em sã consciência eu posso responder à pergunta que me foi feita.

Finalmente, surgiu-me mais uma reflexão, que eu não posso calar, uma reflexão puramente prática. Eu estava convencido desde muito tempo que Petrachévski estava contaminado por certo amor-próprio. Por amor-próprio ele convidava a sua casa às sextas-feiras e por amor-próprio as sextas não o enfadavam. Por amor-próprio ele possuía muitos livros e parece que ele gostava que soubessem que, em sua casa, havia livros raros. Além do mais, isto não é mais que uma observação minha, uma conjectura, porque, repito, tudo o que sei sobre Petrachévski, eu o sei de modo incompleto, imperfeito, e conheço por conjecturas, baseadas naquilo que vi e ouvi.

Eis minha resposta. Eu disse a verdade.



*Fiódor Dostoiévski*